

Luís Saia

* Texto originalmente publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, sexta-feira, 17 de março de 1944.

A galeria dos baixos do Viaduto do Chá está expondo parte da documentação fotográfica de arquitetura antiga e moderna do Brasil, colhida em 1942, pelos arquitetos norte-americanos Philip L. Goodwin e G. E. Kidder Smith. Esta iniciativa do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque é, por muitos títulos, das mais interessantes de quantas tem surgido em função da nem sempre bem compreendida política de boa vizinhança. O material colhido, muito mais completo do que aquele agora exposto em São Paulo, foi objeto de uma exposição no próprio Museu em Nova Iorque. É pena que tanto o livro publicado por aquela instituição “yankee”, “Brazil Builds” atualmente em distribuição no Brasil, como as exposições realizadas no Rio e em São Paulo, tenham evitado nestas iniciativas de propaganda a inclusão das fotografias de tipos humanos, meios de transporte, costumes etc. É verdade que esta parte não é documentação diretamente arquitetônica e também é verdade que existe para isso desculpa que os aspectos peculiares das coisas brasileiras não interessariam tanto aos brasileiros como aos seus vizinhos. O nosso regional e pitoresco nem sempre nos é agradável, ou pelo menos às vezes pode ser desagradável. Por outro lado, entretanto, nada mais interessante do que a inclusão daquela parte tanto no livro como nas exposições, já porque através dela poderíamos ter uma ideia dos ângulos em que as coisas nacionais despertam a atenção dos “yankees”, já porque uma visão da vida brasileira vista por intermédio de olhos estrangeiros sempre nos tem sido da maior utilidade. Haja vista aos livros de viajantes que em diversas épocas tem percorrido o nosso país.

Há um reparo que deve ser feito, não apenas por causa do erro cometido na arrumação da atual exposição, mas sobretudo afim de evitar a repetição desse erro nas cidades onde a exposição deverá ser

levada. Qualquer pessoa que conheça um níquel do Museu de Arte Moderna e da orientação seguida nas suas iniciativas, sabe que lá impera o bom gosto e que os mínimos detalhes das exposições e publicações são tratados com o maior carinho por especialistas competentes. A prova disso pode aliás ser encontrada nesta exposição mesmo, no acondicionamento das fotografias – serviço de primeiríssima ordem. Ora, seria de desejar que a mesma orientação estivesse presente na arrumação do material que já veio pronto. Isso não apresentaria grandes dificuldades, pois as que surgissem foram em parte previstas pelos organizadores da amostra que enviaram com o material a expor uns mapas de disposições. Esses esquemas, quando não pudessem ser integralmente aplicados (o que se verifica especialmente na galeria dos baixos do Viaduto que é um modelo de péssima sala para exposições desta natureza) dariam contudo uma orientação a seguir. Aliás, a mesma orientação que presidiu a escolha do material fotográfico exposto ou publicado. Entretanto, apesar do esforço inteligente do Sr. B. Duarte e da aparente boa vontade de pessoas ligadas à iniciativa, tal orientação não pôde ser seguida, com sensível prejuízo da qualidade das fotografias e da exposição em geral. É lamentável que isso tenha acontecido, pois em São Paulo existem pessoas de bom gosto e conhecimentos mais do que suficientes para orientar um trabalho dessa ordem. Para não encompridar demais este reparo, basta citar dois nomes: o pintor Graciano e o arquiteto Artigas: ambos estariam certamente dispostos a preencher um claro de gosto e conhecimentos daqueles que pelas funções que exercem, se compreende não tem obrigação de conhecer regras de composição ou ter gosto pelas coisas bem feitas. Mesmo o Sr. B. Duarte, que é um excelente fotógrafo e sabe portanto o que deve fazer para não prejudicar a apresentação de uma peça fotográfica, com uma

liberdade de ação que certamente não teve, teria seguido uma orientação melhor.

A parte de arquitetura antiga está esplendida e inteligentemente apresentada, não apenas quanto a escolha do material como também pela sábia orientação adotada que conseguiu evitar muito sentimentalismo nacional sem o menor interesse. O Sr. Kidder Smith, autor das fotografias, soube documentar as peças da nossa arquitetura tradicional com um bom gosto à toda prova, sem recair no pitoresco exagerado e sem a frieza prejudicial da fotografia simplesmente documental. Não é essa, porém, a parte da exposição que me parece merecer uma atenção especial, pois a nossa arquitetura já vem sendo estudada com a necessária seriedade, quer pelo serviço especializado existente no país, quer por artistas e arquitetos. O que constitui de certo modo uma revelação para o brasileiro e, especialmente, para o paulista, é a parte referente à arquitetura moderna. Em geral, o paulista não percebe bem o que está acontecendo com a arquitetura que ele utiliza e a arquitetura que lhe satisfaria melhor as necessidades de trabalho e a vista. Um pouco apressado que ele é, e também bastante enganado por certas fachadas de material vistoso e arquitetura duvidosa, lhe passam despercebidas certas iniciativas, públicas ou particulares, mais merecedoras da sua atenção. E é a propaganda das boas peças de arquitetura moderna, já produzidas no Brasil, a parte de maior interesse nesta exposição. Inclusive porque, à vista delas, o paulista pode se munir de mais largos elementos de crítica e julgamento, o que quer dizer uma oportunidade de melhoria geral.

O que aparece em primeiro lugar é que os arquitetos modernos brasileiros, justamente por serem modernos, adotaram uma atitude mais racional em relação aos problemas das edificações que projetam. Em vez de partirem das fachadas e nos planos convencionais, procuram resolver os problemas reais que as circunstâncias de sociedade, de clima e material impõem. Assim vemos num grande número de edifícios modernos, principalmente no Rio de Janeiro, onde os problemas de luz, vento e calor são mais sensíveis, o aparecimento do quebra-luz em várias modalidades de aplicação. Destas, uma das mais interessantes, quer resulta na fachada quer pela inteligência da solução conseguida, é a do edifício do Ministério da Educação e Saúde. O mesmo se dá com a solução de quebra-luz adotada

no pavilhão da feira de Nova Iorque. O primeiro desses edifícios é, aliás, considerado hoje uma das realizações mais perfeitas de toda a arquitetura moderna. Esta atitude dos arquitetos modernos brasileiros aparece nas soluções restantes dos programas que lhes são propostos. Neste sentido devem ser analisados com especial atenção os edifícios que compõem a já célebre Pampulha e o Hotel de Ouro Preto, ambos projetados por Oscar Niemeyer. Note-se a aplicação de plano livre na generalidade dos projetos e o condicionamento destes (estudar isto principalmente nas plantas) às funções para que foram elaborados. No Hotel de Ouro Preto o problema se complicou bastante e o arquiteto não teve afinal a necessária liberdade em todas as soluções adotadas. Note-se entretanto neste projeto a maneira inteligente de escolha do local para um hotel moderno numa cidade-monumento e note-se sobretudo o agenciamento extremamente simplificado dos diversos compartimentos.

Um problema interessante que se põe, à vista dos projetos expostos, é a diferença bastante acentuada que vai se firmando na arquitetura moderna entre o tratamento monumental dado a certos edifícios públicos, hotéis, prédios de escritórios etc., e o tratamento muito mais utilitário dado às residências. Neste sentido o arquiteto Oscar Niemeyer vem mais ou menos se especializando em projetos de caráter monumental. Se percebe que os seus projetos de residências perdem aquela clareza arquitetônica e àquela limpeza arejada de funcionamento que encontramos numa Pampulha.

Um detalhe que deve logo chamar a atenção dos paulistas é a pobreza da nossa arquitetura moderna comparada com a do grupo carioca. A quantidade enorme de construções em São Paulo devia justificar uma percentagem maior de peças modernas aqui, o que infelizmente não se verifica. E também outras razões, estas menos acessíveis aos leigos, justificariam um nível mais avançado para a arte de construir em São Paulo. Os problemas particulares de clima e arranjo da cidade deviam determinar aqui algumas soluções particulares que, se até o momento não surgiram, isto se deve principalmente a falta de arejamento que se pode facilmente constatar na mentalidade dos arquitetos paulistas. Mesmo os mais avançados arquitetos que trabalham na nossa cidade já estão se habituando às concessões. Concessões no gosto emperrado das classes dirigentes e ao

mau gosto rotineiro dos proprietários. E também – porque não dizer? – ao próprio medo de tentar alguma coisa livre. Acredito que o relativo atraso que a arquitetura moderna paulista mantém em relação à do Rio vem sobretudo do medo que tiveram os mentores da nossa engenharia de aceitar e aproveitar a colaboração de mestres como Le Corbusier. De fato, quando Le Corbusier passou por aqui, segundo me contaram, só viu alguns medalhões da engenharia paulista. Quando saiu, deve ter notado, como notei nas pessoas que conviveram com ele no pouco tempo que aqui estive, que elas ficaram de nariz torcido. No Rio a coisa foi muito outra: uma turma de moços o cercou e recebeu dele a orientação que hoje pode apresentar como resultado do seu trabalho algumas obras da melhor arquitetura moderna. É verdade que podem acusar a equipe de arquitetos modernos do Rio de ser corbuseana por demais. Mas é mil vezes preferível ser corbuseana por demais do que... ser um pouquinho raulineana, por exemplo.

Se a passagem de Le Corbusier pelo Rio de Janeiro deixou uma influência de resultados tão animadores, isso devia servir de exemplo aos dirigentes paulistas. De fato, algumas escolas paulistas necessitam de urgente arejamento, e a prova disso pode facilmente ser encontrada aqui mesmo, naquelas escolas que não se impediram por falsos pudores nacionalistas e souberam receber a colaboração de alguns professores estrangeiros que nos tem sido da maior utilidade. Para não citar muitos, basta lembrar os nomes de Wataghin e Roger Bastide, que ambos têm sabido introduzir entre nós o que há de melhor na moderna orientação do ensino universitário europeu; inaugurando em alguns setores de nossa estranha universidade a função de mestres em contraposição à apavorante função de professores... professorais vigente.

Voltando a arquitetura, e especialmente à lamentável moderna paulista, é lamentável que arquitetos tão magnificamente bem orientados como Philip L. Goodwin e G. E. Kidder Smith tenham incluído no arrolamento que aqui fizeram certos edifícios de

arquitetura positivamente duvidosa, como aquele que representa a bandeira paulista. A bandeira de São Paulo pode ser muito respeitada como bandeira. O que não se pode de modo nenhum aceitar é que seja ponto de partida para um edifício moderno, mesmo porque um projeto assim resolvido pode ser tudo menos moderno, no sentido que esta palavra é hoje tomada em assunto de construção. Há ausências a lamentar: os referidos arquitetos não tomaram conhecimento das experiências interessantes de arquitetura residencial que vem sendo feitas pelo arquiteto Artigas. Em todo o caso, contrabalançando os senões dessa ordem, devemos nos regozijar com a exclusão de certos edifícios centrais – tipos inadvertidamente como modernos, em que os problemas reais de arquitetura estão mascarados pela riqueza luxuosa do revestimento.

Há ainda uma observação que me parece do maior interesse nesta exposição: a possibilidade de uma comparação bem aproximada entre a nossa arquitetura moderna e as estrangeiras que conhecemos através de publicações e revistas. Essa possibilidade surge principalmente em função de uma espécie de denominador comum em que se constitui o excelente fotógrafo que é o Sr. Kidder Smith. De fato, ver a nossa arquitetura com os nossos próprios olhos e compará-la com as excelentes fotografias da arquitetura europeia ou lanque, é quase certo incorrer num erro de julgamento que pouquíssimas pessoas de sensibilidade educada conseguem evitar. Com a atual exposição, a nossa arquitetura é vista pelo mesmo tipo de olho que vê as outras e assim se pode, pelo menos por tabela, saber melhor as nossas qualidades e os nossos defeitos. Aliás, mais qualidades que defeitos. Já que dessa comparação o Brasil não fica em posição inferior. No entanto melhor estaríamos se algum dirigente mais esclarecido se lembrasse de chamar para as nossas escolas de arquitetura um Le Corbusier, um Gropius, um Alvar Aalto, sem falar em alguns ótimos arquitetos norte-americanos. Porque, até agora, só tivemos Raul Lino e Borassilovichs, o que positivamente não é razoável.